

O ABORTO, cuja despenalização há quinze anos provocou um aceso debate nacional em Espanha, deixou de ser objecto de controvérsia entre os espanhóis, nem sequer política. Hoje, é um direito reconhecido legalmente e que está circunscrito ao âmbito da consciência individual.

Dos ataques a clínicas onde se praticavam interrupções voluntárias de gravidez (IVG), das agressões aos médicos que faziam as intervenções, da prisão de profissionais da medicina envolvidos na prática do aborto, passou-se para uma situação de absoluta indiferença. As clínicas privadas de IVG anunciam-se nos jornais; todas as comunidades autónomas (salvo quatro: Estremadura, Castilla-León, Castilla-La Mancha e Murcia) dispõem de centros públicos e somente uma, Navarra, não tem qualquer centro público ou privado onde se possa recorrer para fazer um aborto.

E nenhum partido político, incluindo os mais conservadores, considera pertinente aludir nos seus programas eleitorais a tal questão.

## 72 mil abortos

Contudo, o aborto é uma realidade quotidiana na Espanha de hoje. Segundo dados oficiais obtidos pelo «El País» no Ministério da Saúde, as interrupções de gravidez cresceram percentualmente mais do que o número de nascimentos. Segundo os números divulgados por aquele diário, em 2002 os partos cresceram 2,5%, enquanto os abortos aumentaram 10,4% — quer dizer, quatro vezes mais. Nesse período, praticaram-se em Espanha 77.125 intervenções para interrupção da gravidez (15,6% de todas as gravidezes registadas) e vieram ao mundo 416.518 novos espanhóis.

Nos últimos cinco anos, as estatísticas registam um aumento de 55,6% nos abor-

tos, em comparação com um crescimento de 12,9% nos nascimentos.

## Saúde psíquica da mãe é o pretexto

Dos três pressupostos reconhecidos por Lei para justificar e autorizar legalmente o aborto (violação, suspeita de malformações ou enfermidades do feto e risco para a saúde física ou psíquica da mãe), a esmagadora maioria das mulheres recorreu a esta última (96,8%). Em termos de idade, o maior número de abortos é feito por pessoas entre os 20 e os 29 anos (25%). Em menores de 19 anos a taxa é de 9,28% e em maiores de 40 de 2,72%.

Ainda que todas as comunidades autónomas (salvo as cinco citadas: Estremadura, Castilla-La Mancha, Castilla-León, Murcia e Navarra) disponham de centros de saúde pública onde se pratica a IVG, a grande maioria das pacientes recorre a clínicas privadas (97,53% contra 2,47%).

Em Espanha existem 124 centros autorizados para a prática de abortos.

Outra circunstância digna de nota é a incidência do fenómeno da imigração, tão presente em Espanha. Existe a convicção de que são mais numerosas as mulheres estrangeiras que abortam do que as espanholas.

Embora não existam dados oficiais, já que a legislação não obriga a registar a nacionalidade das mulheres que recorrem ao aborto, na Clínica Dator, a instituição privada que maior número de abortos pratica em Espanha (7715 intervenções no ano 2002, 10% do total), 40% das mulheres sujeitas a intervenção para abortar eram estrangeiras (nesse ano, em cada dez crianças nascidas em Espanha, uma era de mãe não espanhola):

**A taxa de abortos em Espanha está a crescer a um ritmo quatro vezes superior ao da natalidade**